

A Triste Realidade

Retornemos aos fatos recentes.

Caçava o príncipe pelas bandas de Penacova, arredores de Coimbra, distante cerca de vinte quilômetros do Paço de Santa Clara. Algo, no entanto, o incomodava interiormente...

Na tarde de 7 de janeiro, D. Pedro servia-se da caça com os convidados, quando se ouviu ruidoso tropel.

Um cavaleiro recém-chegado, talvez a pedido de Ana, em desespero, insistiu em falar-lhe, a despeito dos amigos buscarem afastar o exausto desconhecido.

Suado, agitado, o homem tanto implorou que o levaram à presença do infante.

— O que quereis? — perguntou Pedro impaciente.

— Senhor, desculpai-me, mas tenho algo muito grave a comunicar-vos.

— Falai, então!

— A Senhora D. Inês foi presa por decisão do rei, arrancada ao leito com muita

violência. Parece que querem matá-la...

— Como? O que quereis dizer-me?

O bom homem saíra tão apressado de Coimbra, que possivelmente ainda ignorasse o trágico desfecho.

— Talvez haja tempo de Vossa Alteza salvá-la...

E não conseguiu falar mais nada, pois o príncipe o deixara em direção à montaria, dando ordens desencontradas aos seus imediatos.

Semblante contraído, arremessa-se sobre o cavalo qual bloco de pedra pressionando o lombo do pobre animal. Segura as rédeas com as mãos firmes e cavalga célere rumo de Coimbra.

Um turbilhão de lembranças conturba sua mente, e o olhar fixo persegue um ponto ainda distante em que busca alcançar a companheira querida e os filhos.

Atormentam-no as recentes preocupações de Inês — às quais não deu crédito — e as sábias admoestações maternas:

— Cuidado, meu filho, as coisas não vão bem, tua companheira corre risco...

— Por que não dei ouvidos às advertências de minha mãe? — verbera, escandindo as

palavras, como se desejasse que todo o mundo ouvisse seu arrependimento.

Também as ponderações do amigo Álvaro Pereira, na última vez em que se encontraram, insistiam em acompanhá-lo naqueles momentos:

— Pedro, fica atento às decisões que a Corte pode tomar. O rei anda muito preocupado: tuas ligações com Inês o assustam...

Já consumada a decapitação de Inês, eis que vemos Pedro — ainda desconhecendo a extensão do ocorrido — retornar a Coimbra sem os troféus da desafortunada caçada.

Envolvido pela avalanche de ideias que não consegue sufocar e extenuado pela longa cavalgada, chega ao palácio real nas primeiras horas da noite.

O desespero incontido o faz gritar por Inês, enquanto percorre as dependências do palácio, caminhando a passos vacilantes.

Ao adentrar na alcova, encontra Ana, a fiel aia de Inês, com os cabelos grisalhos desbaratados e a alma cortada pela dor, e, junto dela, as crianças: Beatriz, a mais nova, no colo, e, agarrados à gentil senhora, João e Dinis — os

três muito pequenos ainda para compreenderem o ocorrido. Ana, que tudo fizera para dissuadir Pero Coelho de executar a cruel sentença, quedava-se com os olhos parados a contemplar o futuro rei. Informou-o, sem delongas, em lágrimas, que Inês estava na igreja do convento.

Aguarda o infante o corpo já frio de Inês, ataviado pela irmã do Convento de Santa Clara — a mesma religiosa que se tornaria amiga inseparável da jovem nos séculos vindouros.

Foi tão comovente o que se passou após Pedro constatar a dimensão da tragédia ocorrida que, a seguir, pela sua aguda sensibilidade, vamos reproduzir, *ipsis litteris*, o difícil diálogo entre Pedro e Ana, segundo Mário Domingues:

— É verdade? — interrogou ele, num grito de desespero.

Ana limitou-se a confirmar, com um movimento vagaroso e triste da cabeça encanecida.

Lançou-se, então, pelos corredores, cujas abóbadas ressoavam em medonhos ecos, a urrar como fera mal ferida:

— Vingança!... Vingança!...

E de chofre caiu no lajedo, a contorcer-se horrivelmente, olhos alucinados, mãos crispadas,

dentes cerrados e lábios brancos de escuma. A febre apossara-se dele. Durante muitos dias, perdia a noção das coisas deste Mundo. Quando despertou, só uma ideia lhe enchia a mente: vingar-se.

Nascia um outro D. Pedro, mergulhado na ânsia de vingança, o que era tradição e constava das leis consuetudinárias da época com o nome de direito de revindita, herança dos visigodos.

A legislação aceita permitia a vingança em grau muito maior, como compensação da dor sofrida.

Era tão forte, sobretudo na Península Ibérica, essa figura de ódio constante do Direito Consuetudinário da Europa, que se falava a respeito: mais que direito, a vingança era um dever.

Entretanto, apesar de ser um homem da época, obrigatoriamente afeito às regras do comportamento medieval, algo mais profundo começava a agitar-se em seu espírito: a influência da Rainha Santa, que recolhera Inês no Plano Espiritual e assistia o neto nas trevas em que se encontrava, buscando asserenar-lhes o coração.

Mais adiante, descreveremos a insânia que tomou conta do reino de Portugal, até há pouco vivendo invejável estabilidade sob o comando firme e sereno de Afonso IV, que, porém, provocou, com seu ato violento, o desencadeamento de uma guerra civil com saques, mortes e sofrimento.

Somente a intervenção de Isabel de Aragão, do Plano Espiritual, pôde modificar o quadro.

Trabalhou diuturnamente para que, alguns meses depois, a cinco de agosto de 1355, fossem assinadas, na vizinhança do Porto, as Pazes de Canaveses, ato jurídico que reproximaria pai e filho, salvando Portugal de um conflito de imensas proporções.